CAMPONESES E RELIGIOSIDADE NA AMAZÔNIA PARAENSE

Cátia Oliveira Macedo[1]
Rafael Benevides de Sousa[2]

Resumo
O artigo apresenta uma reflexão acerca da territorialização dos grupos de evangelização na comunidade do Cravo, localizada no município de Concórdia do Pará, nordeste paraense. Em linhas gerais, apresenta-se a relação entre os camponeses e a Igreja em meio ao processo de mudança ideológica do catolicismo no Brasil após a década de 1970. Vislumbrou-se ao longo da pesquisa os grupos de evangelização como uma territorialidade que norteia a vida em comunidade, seja nas relações de trabalho, seja nas relações familiares e de vizinhança. Os dados ora apresentados foram coletados em pesquisa de campo e documental realizada entre setembro de 2010 e agosto de 2011. Através das histórias da vida, colheu-se depoimentos orais, o que possibilitou compreender a ação dos grupos de evangelização na comunidade e no município de Bujaru. As entrevistas foram complementadas pelas fontes escritas, bem como o folheto semestral com o roteiro dos encontros e o *Boletim Somos Irmãos* (1986 a 2001).
Palavras-chave: Territorialidade. Campesinato. Religiosidade. Grupos de evangelização.

Abstract
The article focuses on the territorialization of groups of evangelization in the community of Cravo, located in the city of Concórdia do Pará, northeast of Pará. In general, shows the relationship between the peasants and the Church in the midst of ideological change process of Catholicism in Brazil after the 1970s. Glimpsed along the evangelization of the research groups as a territory that guides the life community, whether in labor relations,

1 Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Professora de Geografia da Universidade do Estado do Pará (Uepa) e do Instituto Federal do Pará (Ifpa). E-mail: catiamacedo@yahoo.com
2 Doutorando em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: benevidessousa@gmail.com

whether in family and neighborhood relations. The data presented here were collected in field research and documentation carried out between September 2010 and August 2011. Through the history of life, we picked up oral testimony that enabled us to understand the action of evangelization groups in the community and the municipality of Bujaru. The interviews were supplemented by written sources as well as the half-yearly brochure with the script of the meetings and the Newsletter *Boletim Somos Irmãos* (1986-2001).
Keywords: Territoriality.Peasantry. Religion. Groups of evangelization.

Introdução

A trajetória do campesinato brasileiro é marcada por uma forte religiosidade de expressão significativa na sua territorialidade. São novenas, terços, ladainhas, santos e santas específicos que forjam nas comunidades rurais do Brasil a comunhão do trabalho, da terra e da família com o ideal religioso.

A luta pela terra e a resistência para se manter nela intensificam-se no seio do capitalismo contemporâneo em decorrência do avanço das relações capitalista no campo. Nesse processo, muitos camponeses encontram abrigo em seguimentos da Igreja Católica, tais como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), que ofereciam a estes trabalhadores orientação jurídica e política na corrida pela permanência na terra e acesso a crédito agrícola.

A opção preferencial (de um segmento) da Igreja Católica pelos mais pobres, dá-se com o advento do Concílio Vaticano II[3] que implementa uma nova orientação em relação a sua organização evangelizadora na América Latina.

> O Concílio Vaticano II (1962-1965) e a *Gaudium et Spes*, do Papa João XXII, estimularam a Igreja a um novo relacionamento social, baseado no novo olhar que se construía com o apoio dos elementos da ciência, da cultura e das experiências concretas dos homens nas suas relações sociais. Esperança e alegria como possi-

[3] As mudanças providas do Concílio do Vaticano II fizeram parte de "uma mudança interna na Igreja, que já vinha se delineando desde o final da Segunda Guerra Mundial". Novas corrente teológicas começaram a aparecer, principalmente na Alemanha (Bultmann, Molmann, Metz, Rahner) e na França (Calvez, Congar, Lubac, Chenu, Duboq), surge o cristianismo social (dos padres operários, a economia humanista do padre Lebret) e alguns setores da Igreja passam a ter uma espécie de dialogo com a filosofia moderna e com as ciências sociais (Löwy, 1991, p. 33 *apud* Mitidiero Jr., 2010, p. 60).

bilidade de realização humana são diretrizes que a igreja impõe em seu trabalho pastoral (Iokoi, 1996, p. 29).

Ainda na década de 1960, ocorre na América Latina a Conferência de Medellín,[4] organizada pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), marcando a travessia para uma Igreja (Católica mais) popular nessa parte do continente. Este encontro tinha como objetivo "caracterizar a realidade socioeconômica e religiosa da maior parte da população do continente americano" (Mitidiero Jr., 2010, p. 62). Esta reunião produziu um documento que seria a base Medellín.[5]

> Analisando os problemas do continente, destacou as carências socioeconômicas presentes, assim como a falta de meios de evangelização para uma população que se expandia. Enfatizou as injustiças estruturais em relação à pessoa e à ausência de respeito aos direitos humanos, sendo esse considerado o ponto fundamental do encontro (...). Conclui-se que a pobreza do latino-americano estava marcada pela dependência econômica e pela injustiça institucionalizada que, para os participantes dos grupos de trabalho, se enquistavam nas estruturas econômicas, sociais e políticas dos vários países do continente (Iokoi, 1996, p. 45-46).

Em meio às turbulências da Igreja Católica na década de 1970, a Conferência de Puebla[6] ratifica Medellín, reafirmando a opção preferencial da Igreja pelos mais pobres.

> Após a Conferência de Puebla, definitivamente, ao menos no plano da teologia nova e dos discursos produzidos, a opção pelos injustiçados e oprimidos da história

---

4 "Mundialmente conhecida como a Conferencia de Medellín, foi convocada no final de 1967 pelo Papa Paulo VI e ocorreu entre os dias 20 de agosto e 6 de setembro de 1968, diante dos conflitos sociais que convulsionavam o mundo naquele período" (Mitidiero Jr., 2010, p. 62).

5 As conclusões de Medellín estão colocadas no documento final "que pontua claramente que o papel da Igreja no mundo é o de missão e que, naquele momento, sua missão era a de denunciar a realidade perversa em que viviam os latino-americanos como uma afronta ao espírito do Evangelho (...). O documento de Medellín vai mais adiante, na interpretação do mundo contemporâneo, pois responsabiliza o mundo em uma realidade mais justa e igualitária" (Mitidiero Jr., 2010, p. 62-63).

6 "Em Puebla, redefiniu-se o caminho da Igreja na América Latina, recusando a preferência pelo poder, optando-se, de forma consciente e deliberada, pelos pobres e jovens, como ocorreu em Medellín. Mas foi uma opção por pobres reais, e materiais, e não uma opção pela concepção volátil. Em Puebla, houve ligação entre os pobres e a evangelização, concluindo-se que os pobres são os que têm a tarefa de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo" (Iokoi, 1996, p. 61).

> desloca o lugar teológico da Igreja latino-americana. É nesse momento que nasce a posição que ficará imortalizada na emblemática frase que se tornou símbolo da Igreja Libertadora: 'a opção preferencial pelos pobres'. Então, a Igreja deve dar toda a preferencia ao trabalho com os pobres, deve organizar-se e expressar-se por meio de pequenas comunidades cristãs (Comunidades Eclesiais de Base – CEBs) e deve favorecer a caminhada do povo para a liberdade, entendendo o pobre como sujeito da sua própria história, e não como objeto da ação caritativa e solidaria da Igreja. Para isso, a Teologia da Libertação propunha uma nova leitura da Bíblia e a escolha de textos se daria com base em novos posicionamentos (Mitidiero Jr., 2010, p. 67).

Para Mitidiero Jr. (2010) é a partir dessa nova concepção religiosa e política que surgem, no seio da Igreja Católica brasileira, movimentos populares de grande alcance, despertando os fiéis para a realidade circundante. As CEBs e a CPT, oriundas do pensamento da Teologia da Libertação (muito combatida dentro da própria Igreja), trouxeram para a sociedade uma nova perspectiva de leitura do evangelho. A partir dela, as mazelas sociais se tornaram causa e consequência da relação entre os homens, e não mais atrelada à lei divina.

As Comunidades Eclesiais de Base no Brasil estimularam as massas populares para o debate-esclarecimento político através da religiosidade popular que alcançou desde os centros urbanos até os confins do meio rural. No campo, por meio da Igreja, os camponeses se mobilizaram politicamente, reivindicando direitos civis, demarcando territórios e conquistando a cidadania. Através da CPT foi possível levantar dados sobre a realidade fundiária do país, identificar focos de conflitos agrários causados por denúncias de grilagem da terra e trabalho escravo.

Em estudo realizado na região da Transamazônica, Hébette (2002, p. 210) fala da relação íntima entre seguimentos da Igreja Católica e o campesinato local. Para o autor esta parceria teve início "no Brasil dos anos 1970", em particular com a gênese das "CEBs e da CPT que representavam para a Igreja Católica pós-Concilio Vaticano II, uma proposta de revisão da concepção da vivência religiosa pessoal e de mudança na prática social, via engajamento político".

> A história é a mesma em toda a parte. À medida que a frente capitalista se expandiu pela Amazônia, foi alcançando as Igrejas locais. Quando D. José Patrício chegou a Conceição do Araguaia, no Pará, para tomar posse da diocese, foi recebido por uma multidão de posseiros em prantos, que acabavam de ser despejados da terra por um grande proprietário adventício. Desde então é a todo instante procurado por trabalhadores expulsos, perseguidos, torturados. São de sua diocese os dois padres franceses, Aristides Camilo e Francisco Gouriou, presos e processados

pela Justiça Militar, acusados de incitamento à subversão e envolvimento na tocaia contra um pistoleiro de uma fazenda que perseguia os trabalhadores e que acabou morto (Martins, 1989, p. 86).

Da mesma forma, Martins (1989) refere-se à participação da Igreja na vida dos camponeses no sudeste paraense. Neste contexto, as paróquias e capelas, tornaram-se o refúgio da população que fugia da opressão e desmandos, implementados pelas oligarquias rurais locais. Nesta perspectiva, busca-se neste artigo compreender como se deu a relação dos camponeses e a Igreja em meio ao processo de mudança ideológica do catolicismo no Brasil, tendo como referência para esse entendimento uma comunidade camponesa no nordeste do Pará.

Mais especificamente, propõem-se refletir sobre a territorialidade dos grupos de evangelização no município de Bujaru, em particular, na comunidade do Cravo.[7] O que chama atenção desta territorialidade é a ação territorial que os grupos de evangelização exercem na comunidade em estudo, ensejando no modo de vida camponês local um meio de organização baseado em ações não apenas religiosas, mas também ações políticas e sociais que concorrem para reprodução territorial da comunidade.

A dimensão espacial do território da comunidade do Cravo compreende uma rede de relações integrada à tríade: terra, trabalho e família. As relações estabelecidas por meio desta tríade configuram o território camponês, que é amalgamado pelas relações de parentesco, vizinhança e religiosa, fomentando o sentimento de pertencimento ao lugar que se vive.

O território como uma categoria de estudo da geografia tem sido referência para o estudo das relações sociais, porém, sob abordagens diversas. Para Raffestin (1993) o território é o resultado da apropriação do espaço, que a partir das relações de poder produz o território. Assim, o território se manifesta através da reprodução dos sujeitos sociais que delimita o seu domínio no espaço geográfico.

Já Haesbaert (2009, p. 340) entende o território a partir de uma perspectiva mais ampla, estabelecendo uma íntima relação entre o político-cultural-

[7] Até o ano de 1988 a comunidade do Cravo fazia parte da jurisdição do município de Bujaru. Após a emancipação político-administrativa da antiga vila de Concórdia em relação à Bujaru, a comunidade do Cravo passou fazer parte da jurisdição do município de Concórdia do Pará. Contudo, a orientação religiosa continuou sendo da Paroquia São Joaquim pertencente à Bujaru, por isso neste trabalho faremos referência aos grupos de evangelização deste município.

-econômico. Para ele, "a necessidade territorial ou de controle e apropriação do espaço pode estender-se desde um nível mais físico ou biológico (...), até um nível mais imaterial ou simbólico (...), incluindo todas as distinções de classe socioeconômica, gênero, grupo etário, etnia, religião etc."

Em seus textos sobre geografia da religião, Rosendhal (1996), afirma que o território se apresenta

> impregnado de significados, símbolos e imagens, constitui-se em um dado segmento do espaço, via de regra, delimitado, que resulta da apropriação e controle por parte de um determinado agente social, um grupo humano, uma empresa ou uma instituição. O território é, em realidade, um importante instrumento da existência e reprodução do agente social que o criou e o controla. O território apresenta, além do caráter político, um nítido caráter cultural, especialmente quando os agentes sociais são grupos étnicos, religiosos ou de outras identidades (Rosendahl, 1996, p. 56).

Rosendahl (1996, p. 56) salienta ainda que é importantíssimo compreender a "poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas sobre territórios que a religião se estrutura enquanto instituição, criando territórios seus".

Na comunidade em estudo, as atividades ligadas à religiosidade associam e dissociam, definem e redefinem os grupos e sua participação na organização socioeconômica, externalizando as marcas da territorialidade local. "A territorialidade é fortalecida pelas experiências religiosas coletivas ou individuais que o grupo mantém no lugar sagrado e nos itinerários que constituem seu território" (Rosendahl, 1996, p. 57).

De modo geral, a territorialidade evidenciada na comunidade do Cravo, por meio dos grupos de evangelização, impõe um ritmo e uma dinâmica à organização social e política local. Os grupos, enquanto uma ação religiosa dentro do território camponês da comunidade, conforma certos valores éticos e em alguns casos implica questionamentos sobre o sistema em que estão inseridos.

> A relação território e a ação territorial mostra que território é muito mais do que uma delimitação espacial; território é uma relação social permeada por atos sociais que visam ao seu controle. Mesmo que a (re)construção do território hoje seja, cada vez mais, a forma por meio da qual a desigualdade socioterritorial se construa e se fortaleça, a existência de um contramovimento não é mero evento discursivo e subjetivo (Mitidiero Jr., 2010, p. 51).

Entende-se o território no qual os grupos de evangelização estão inseridos como um lugar que é estruturado pelas relações sociais, no contato dos sujeitos,

que ao se apropriarem do espaço, constroem um território fortalecido pelas territorialidades existente.

Os grupos de evangelização surgiram como uma forma de conscientização dos camponeses com relação aos seus direitos políticos e sociais, em plena ditadura militar brasileira. Na comunidade do Cravo, foram criados oito grupos, que reuniam entre 10 a 15 famílias em um encontro semanal. Nestes encontros se discutiam desde as os problemas sociais (relacionados a pobreza, melhoria na educação, saúde) e a vivencia em comunidade (mutirões, novenas, ajuda mútua etc.).

> Todas as quartas-feiras a gente faz o encontro, né. De 8 em 8 dias. Uma comparação, hoje, quarta-feira, a gente organiza a leitura, quando tem roteiro tudo bem, quando não a gente faz a leitura do dia, a oração, a gente conversa sobre a palavra de Deus. Aí a gente marca para outra quarta-feira pra outro vizinho (Entrevista concedida por Nadir Rodrigues, morador da Comunidade do Cravo, em janeiro de 2011).

A fala de Nadir Rodrigues descreve como funcionam os encontros dos grupos de evangelização na comunidade. Nessas reuniões, os participantes fazem orações espontâneas; contam experiências vividas; a reflexão do evangelho de acordo com a realidade local, nacional e global; fazem preces colocando os problemas da vida na oração; rezam e cantam. No final, também ocorre uma conversa entre os vizinhos e parentes sobre o que tem acontecido na comunidade, geralmente seguida de bingos e lanches para os participantes. Na despedida, marcam o dia do próximo encontro e a casa onde se encontrarão.

Este ritual dos grupos de evangelização é uma ocasião de forte sociabilidade entre a vizinhança e parentes que é amalgamado pela religiosidade. As reuniões dão um sentido de vida em coletividade, é como se uma família pertencesse a uma família maior, na imagem de toda a comunidade. Nesta perspectiva, os encontros representam territorialmente "o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência" (Santos, 2007, p.13).

Partindo desse pressuposto é que se pretende compreender os grupos de evangelização no seu modo vida camponês na comunidade do Cravo, localizada no município de Concórdia do Pará, no nordeste paraense. A abordagem trazida, neste artigo, tem como espinha dorsal os grupos de evangelização, como uma territorialidade que norteia a vida em comunidade, seja nas relações de trabalho, seja nas relações familiares e de vizinhança.

Os dados ora apresentados foram coletados em pesquisa de campo e documental realizada entre setembro de 2010 e agosto de 2011. O procedimento se deu por meio de entrevistas gravadas, com os membros dos grupos de evangelização, além de padres e freiras que passaram pela comunidade. Através das histórias de vida, colheu-se depoimentos orais que possibilitaram compreender a ação dos grupos na comunidade e no município de Bujaru. As entrevistas foram complementadas pelas fontes escritas, bem como os roteiros dos encontros e o *Boletim Somos Irmãos* (1986 a 2001), folheto semestral com o roteiro dos encontros. Através dessas fontes orais e escritas foi possível perceber aspectos e detalhes da atuação dos grupos na comunidade do Cravo.

A comunidade do Cravo e a religiosidade camponesa

> Nós rezava nas casas, rezava a ladainha, fazia promessa, tinha São Tomé que a gente fazia promessa, Santo Antônio, a gente fazia mastro, carregava no ombro cantando pra chegar nas casas. Rezava a ladainha, agora, depois que a gente começou a pensar em comunidade, fazer essa capela, a gente começou a rezar aqui, bem encostado numa casa que tinha um quadro do Divino Espírito Santo, a gente ia rezar o terço lá. Depois passou a rezar o terço lá na casa do finado João Braga, lá na vila. Aí começamo a rezar o terço, rezar a ladainha, aí depois fizemo esse curso, esse bendito curso de grupo de evangelização e começamo a chamá de comunidade (Entrevista concedida por Manoel Sales, morador da Comunidade do Cravo, em janeiro de 2011).

É a partir desse depoimento que se deseja traçar as reflexões desde artigo, na pretensão de entender a função dos "benditos" grupos de evangelização, tal qual apresentado na fala anterior. Nesse depoimento, nota-se a dimensão espaço-tempo da materialização do ideário de comunidade que foi se constituindo através de atos simbólicos, forjados pela organização política, social e religiosa desses sujeitos.

Vasculhando a memória dos moradores mais antigos, viu-se que a formação do território que hoje constitui a comunidade tem seu alicerce na religiosidade. Por meio desta se construiu uma rede de sociabilidade e reciprocidade entre as famílias, que se reconhecem como iguais, como trabalhadores da terra, e que vivem numa coletividade de vida com base em suas verdades e crenças.

O território religioso se constitui através do sentido de comunidade que é estabelecido por meio dos grupos familiares que se reconhecem e compartem da mesma experiência de vida, pertencentes a uma mesma religião, no caso, a católica.

> A vida religiosa tem duas dimensões fundamentais: 1) ela tem por base crenças sobre o bem, o mal, a justiça, a felicidade terrestre e celeste, o futuro, a salvação da alma etc. Essas crenças dão um sentido à vida presente ou futura de cada um e da comunidade, e propõem regras para agir; 2) a vida religiosa dispõe também sobre práticas e rituais individuais e coletivos. Elas regulam a existência de cada um, o obrigam a orar para Deus, a meditar sozinho, e a participação em ações coletivas que criam o sentido de integração numa comunidade (Claval, 2011, p. 2).

A dimensão da vida religiosa na comunidade do Cravo passa necessariamente pela perspectiva de Claval (2011), na medida em que parte dos camponeses estruturam suas vidas a partir dos atos religiosos.

Até a década de 1970, as comunidades rurais pertencentes aos municípios de Bujaru e Concórdia do Pará apresentavam uma dinâmica relacionada aos rios e aos igarapés que margeiam a região desses municípios, tendo o rio Bujaru e o igarapé Cravo como os mais importantes. Neste contexto, os deslocamentos aconteciam por meio de canoas e barcos (de grande e médio porte), tornando difícil a chegada de religiosos a essas comunidades, que tinham na freguesia de Santana o principal núcleo religioso da época.

A comunidade de Santana foi um grande centro religioso e comercial entre os séculos XVIII e XX. Às margens do rio Bujaru, esta comunidade exercia sobre as demais comunidades sua influência religiosa. Os batizados, os casamentos e as cerimônias fúnebres eram realizados somente nesta freguesia.

> Os padres vinham pelo Guamá, depois pegava a canoa. A gente fazia uma torda na canoa pra trazer o padre lá em baixo. A gente cobria a canoa, aí ia três ou quatro pessoas buscar o padre lá na foz do Cravo. De lá vinha um só conversando com ele, e os outros vinham remando (Entrevista concedida por Manoel Sales, morador da Comunidade do Cravo, em janeiro de 2011).

As visitas de religiosos à comunidade são anteriores à abertura das estradas na região, geralmente na festa da padroeira, e tinham os igarapés e rios como os meios de deslocamento. Nesse tempo havia toda uma mobilização da comunidade para pegar o padre na Freguesia de Santana. No Cravo, o religioso era recebido com muita alegria e queima de fogos.

Já na década de 1970, a comunidade do Cravo se mobiliza na construção de uma igreja, tendo Raimundo Santana e João Braga de Cristo[8] as lideranças desse projeto.

> A gente começou a despertá! Lembro muito bem no Jutaí tinha um senhor chamado Primo, ele teve uma ideia de fazer uma capelinha lá, conversou com o pessoal dele e fizeram uma capelinha, arrumaram bem arrumado. Depois, esse senhor chamado Antônio Raimundo Santana, que me lembro, que é pai da cumadre Alexandra, junto com João Braga de Cristo, começaram lá também a gente fazemos uma capela aqui no Cravo. Aí começamo serrá madeira na mata pra cá, tiremo toda a madeira, puxemo tudo a cavalo pra cá, compramo a telha, barremo e depois foi rebocado. Aí começamo, o primeiro padre que veio aí foi o Frei João Francisco, antes disso já tinha vindo um padre, o Frei D. José. D. José tinha vindo. Depois que fizemo essa capela, nesse tempo São Judas era tudo aqui no Cravo. Aí começamos, dava muita gente, vinha muita gente pra cá. Batizar criança, casar, aí depois já foi desenvolvendo mais, aí derrubamo aquela capela e fizemo essa aí. Eu sempre conto pras pessoas que é mais nova que eu, de até 40 anos não conhecia como foi esse negócio. Nós compramo cimento em Belém, compramos o tijolo aí abaixo do Bujaru, tinha um engenho que fazia tijolo, aí tiramo areia aí desse igarapé, nesse igarapé aí, era muito bonito esse igarapé. Aí fizemo essa capela, fomos busca pedreiro em Belém, que não tinha aqui, desde o servente de pedreiro pra fazer massa. Quem bancava era o João Braga, que era comerciante e o Raimundo Santana também era muito trabalhador, e a comunidade ajudava, a gente fazia leilão, nesse tempo não existia bingo, era só leilão. A gente dava donativo, era macaxeira, milho, era arroz, feijão, era banana, era galinha, era pato, tudo isso nós dava (Entrevista concedida por Manoel Sales, morador da Comunidade do Cravo, em janeiro de 2011).

Nesta fala, observa-se os primeiros passos rumo à independência religiosa da comunidade do Cravo em relação à Freguesia de Santana. Com a edificação da igreja, o batizado, casamento e as missas passaram a se realizar na própria comunidade. A partir desse momento a comunidade passou a estender a sua influência religiosa a outras localidades mais próximas, que a partir de então passaram a se dirigir ao Cravo e não mais a Santana para os rituais religiosos. Entre as comunidades que passaram a convergir para o Cravo estão São Judas, Castanhalzinho, Arapiranga e Curuperé. Entre essas comunidades irradiou-se o sentido de vida em comunidade, por meio da religiosidade e das relações de reciprocidade e sociabilidade entre as famílias desses territórios.

[8] Esses senhores eram comerciantes, chamados de "patrão" pelos camponeses da comunidade. Era com eles que os moradores do Cravo e de outras comunidades próximas compravam material de trabalho, comida salgada e também a quem vendiam suas produções.

> A capela foi construída no terreno do primeiro campo de futebol da comunidade, alterando substancialmente o arranjo espacial da vila com esta mudança. O que antes era um simples espaço de lazer passou a ser um ponto de referência para os moradores das margens do igarapé, trecho agora transformado em arraial, isto é, praça central, dotada de sentido festivo-religioso. Aliás, além de ser comumente nomeada a comunidade de Igarapé Cravo, ela passou a ser chamada também de Arraial após a construção da capela, principalmente por ser o lugar da ocorrência da festividade da padroeira. Trata-se da representação de um alargamento do tempo da festa religiosa, espécie de arraial permanente, embora associado à ideia de provisoriedade. Este alargamento temporal, por sua vez, se inscreve no espaço, como referência sociotopográfica, que dá novo sentido ao arranjo das moradias em torno do largo gramado e central, demarcado pela presença de um 'cruzeiro' em frente à igreja (Costa & Macedo, 2010, p. 111-112).

A construção da primeira igreja católica da comunidade do Cravo reconfigura a dimensão espacial do território, formando um território religioso consolidado. Construída a barro e pau a pique a pequena capela deu ao Cravo um sentido de comunidade e, foi a partir de então que se tornou frequente a presença de religiosos.

> Construíram uma capelinha, depois da capelinha, veio o desejo de fazer uma igreja melhor, aí fizeram uma igreja melhor, aí temos essa igreja aí. Então isso tudo foi o esforço da comunidade né, o Renato, o meu pai, Mauricio, Adriano Santana e mais outros que eu me lembro João Sales, João velo, Manduquinha já era jovem, tudo se engajavam. Tem um quadro aí, antigo que foi o frei João Francisco que deu, e foi ele que escolheu a padroeira. Então eu me lembro, o pessoal deram o dinheiro, a comunidade deu e nos fomos lá na Casa Sílio comprar a imagem, essa que tá aí na igreja (Entrevista concedida por Alexandra Santana, moradora da Comunidade do Cravo, em maio de 2011).

No depoimento de Alexandra Santana, de 80 anos, nota-se que a construção da igreja e da romaria resultou da iniciativa tanto das pessoas consideradas importantes na comunidade, quantodos demais moradores. Os habitantes doaram desde produtos da roça e criações dos quintais para servirem de prêmios nos leilões até a mão de obra para a construção da capela.

O território religioso na comunidade do Cravo também foi sendo construído por meio das festas de santo, que aglutinava e ainda aglutinam grande parte da comunidade. Soube-se em campo que a festa de Nossa Senhora das Graças acontece no Cravo desde a década de 1940. Iniciou com a participação de algumas pessoas muito religiosas na comunidade, como é o caso do Raimundo Santana e João Braga de Cristo, que junto com a professora Erundina e frei João Francisco organizaram a romaria e a escolha da padroeira da comunidade.

Compreendendo todo o mês de maio, as romarias de Nossa Senhora das Graças, acontece nas casas dos moradores da comunidade, saindo da igreja dia 1º e retornado na última sexta feira do mês. As festas de santo no Cravo se tornaram um espaço "da alegria, do acontecimento que marca e cuja lembrança será capaz de preencher os momentos monótonos e repetitivos do cotidiano" (Macedo, 1986, p. 184). Desse modo, o momento da festa se opõe ao dia a dia de trabalho na roça, destacando-se como uma ocasião de lazer, e ao mesmo é um complemento na medida em que a realização da festa tem origem no trabalho coletivo da grande parte dos moradores da comunidade.

As romarias constroem na vida dos camponeses um sentimento de pertencimento à comunidade, a um mesmo grupo que se reconhece como igual, criando por meio das relações de vizinhança, compadrio e parentesco uma forte sociabilidade, no sentido de estarem juntos, festejando a vida em comum.

> As festas são uma dimensão da vida. Contribuem para promover o sentimento especial de estar junto e configuram o espaço social privilegiado do acontecimento extraordinário. (...)As festas são, também uma expressão e afirmação de valores. Está presente nelas o esforço de construção de uma imagem que é a representação da visão ideal do grupo (Macedo, 1986, p. 186).

Para Macedo (1986), as festas configuram uma dimensão na vida de um grupo social. Na comunidade do Cravo, isso é visto nos preparativos de recebimento da imagem da santa nas residências, quando as famílias mobilizam familiares externos à casa, geralmente residentes em Belém, para angariar fundos para fazer doações para a festividade. Ou mesmo nos casos de promessas, como foi o caso de Fermina Albernás, que cuidou de uma galinha durante um ano para doar ao bingo, em uma visita da romaria em sua casa. Essas relações muito corriqueiras na comunidade traçam não apenas uma relação com os santos, mas com o grupo do qual fazem parte.

O sentido de comunidade nasce junto com o ideal religioso, quando começam ocorrer as romarias, as rezas e missas mensais, essas práticas forjam um novo sentido de comunidade.

> O nome da comunidade passou a ser comunidade, mas que já era comunidade, por exemplo, a turma que fazia trabalho como o mutirão já era uma comunidade, eu acredito que já era comunidade. Porque falando por exemplo, nas pessoas que serviam nós, velho João Braga, Raimundo Santana, não era patrão de dizer que mandava em nós, eles eram somente uma pessoa que se associava a vender pra nós, eles faziam o centro da comunidade que não tinha o nome de comunidade. A palavra comunidade chega com a igreja. Passa agir, por exemplo, na igreja o povo se reúne melhor. Me-

> lhorou a comunidade, mas já era, porque a gente se reunia, nos mutirões, nós fomos fazer a igreja era 40, 50 pessoas trabalhando na igreja, fazer o campo, nós fazia tudo junto, não tinha patrão, era nós que se conversava e dizia bora, precisa fazer isso aqui, quem vai fazer? As pessoas que fornecia mercadoria, conversava com a gente, era tudo compadre, rezava os terços nas casas porque vinha padre aí, o padre José, eu era criança, ele já vinha celebrar na casa do velho João Braga (Entrevista concedida por Estácio Chaves, morador da Comunidade do Cravo, em março de 2011).

No depoimento de Estácio Chaves, entende-se que a ideia de comunidade se apresenta para além do sentido religioso, partindo de práticas associadas ao cotidiano de vida, no trabalho da roça, na casa, com os vizinhos e parentes, e também na igreja, como se a existência de um estivesse na existência de todos.

> A comunidade é um lugar, um espaço social em cujo interior vai sendo paulatinamente gestada uma concepção de si mesmo e do mundo que confere ao grupo uma identidade. O processo de construção da comunidade é considerado como o produto de um encontro, em que, de alguma maneira, todos se irmanam, identificam-se como membros de um mesmo coletivo no qual depositam os mesmos objetivos e esperanças (Macedo, 1986, p. 161).

Corroborando com Macedo (1986), observa-se que o sentido de comunidade está no sentimento de pertencimento ao lugar em que se vive, configurando o território por meio de relações de reciprocidade, sociabilidade e parentesco que dá significado e identidade ao viver junto. Na comunidade em estudo, isso é visto nos mutirões, na ajuda mútua, nos empréstimos de material de trabalho, na divisão da caça ou pesca, entre outras ações que conforma este território camponês.

É neste sentido de viver em comunidade que o Cravo se torna um território propício para os novos rumos que a Igreja Católica toma a partir da segunda metade do século XX. Assumindo um compromisso com os pobres da América Latina, a Igreja passou a discutir as injustiças e opressões sofridas em séculos de "colonização". Os missionários que chegam ao município de Bujaru na década de 1970 encontram na comunidade do Cravo, camponeses e lideranças comprometidas com essa nova forma de evangelizar.

O novo jeito de ser Igreja e a gênese dos grupos de evangelização

No Brasil, em meio a esse novo discurso da Igreja Católica (assentado na Teologia da Libertação e suas orientações nas CEBs, CPT etc.) ocorre um processo de reterritorialização da Igreja.

> Esta sociabilidade, construída a partir das práticas religiosas, tem sua materialidade com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que se desenvolveram no Brasil durante os anos 70-80. Este modelo de expansão evangelizadora da Igreja Católicapossuía como característica fundamental o aumento da participação dos leigos na condução das atividades da 'Comunidade Eclesial', além da forte inclinação para a mobilidade dos seus participantes para a ação social. Nas CEBs, a discussão partia da realidade social circundante, trazendo para as celebrações e discussões das pastorais os sofrimentos do povo, as injustiças sociais e, com isso, alternativas de mudanças. As CEBs foram, por excelência, locais de formação política e, acima de tudo, espaço de comunicação e sociabilidade (Macedo, 2006, p. 74-75).

É nesse tempo favorável de emergência das CEBs que surgem os grupos de evangelização na comunidade do Cravo. É também neste momento que se torna mais frequente na comunidade a presença de religiosos animados com os novos rumos da Igreja Católica na América Latina. No meio rural do município de Bujaru estes religiosos encontram entre os camponeses um espaço propício para esse novo jeito de fazer a igreja.

> É importante assinalar as orientações seguidas por alguns padres e religiosos que assumiram a paróquia de Bujaru a partir dos anos 1960 e 1980 que vão estimular a constituição das Comunidades Eclesiais de Base. E com isso vão marcar a abertura para a relação entre Igreja Católica e os diversos movimentos sociais e associações que surgiram desde de então, seguindo os anos 1990 e com existência ou não até o presente (Costa, 2008, p. 131).

Costa (2008) possibilita o entendimento de como se deu a territorialização das Comunidades Eclesiais de Base no município de Bujaru. De acordo com a autora, neste momento surge o clube de mães, o sindicato rural, o movimento de mulheres, o círculo de cultura e a cantina (comércio comunitário).

Nesse sentido, a religiosidade na vida camponesa se caracteriza tanto como um instrumento sagrado, de devoção a santos, como um elemento que revigora o sentimento de pertencimento a um mesmo grupo social. Além disso, a religiosidade em algumas comunidades camponesas tem sido uma ferramenta política de reivindicação de direitos sociais e políticos.

Em estudos na região sul e sudeste do Pará, Hébette (2002) nos fala de uma relação intima entre seguimentos da Igreja Católica e o campesinato local.

> Esse espaço privado de solidariedades primárias, tradicional no campo, e muito familiar às igrejas, propiciou para estes e, em particular, no caso em estudo, para a Igreja católica, a possibilidade de colaborar para a construção de um espaço

> semipúblico de resistência e de elaboração de projetos coletivos em pequena escala, alternativo ao espaço da organização de classe. Esta inserção social da Igreja na articulação entre o provado e o público destinava-se a exercer esse papel, no contexto de um regime autoritário que se pretendia defensor dos princípios cristãos, contra o ateísmo comunista e, sobretudo, no contexto de uma correlação de forças em que as duas grandes instituições nacionais – o Estado e a Igreja Católica – deviam evitar conflitos maiores entre si, ao mesmo tempo em que brotavam as Comunidades Eclesiais de base (CEB) que se tornaram, durante o período militar, a forma privilegiada de organização da resistência camponesa, reforçada pela atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) (Hébette, 2002, p. 209-210).

E prossegue,

> (...) os membros progressistas da Igreja, às vezes, à revelia das autoridades maiores, souberam ocupar muito bem o espaço que a eles se abria, em uma sintonia construída, de parte e outra, e em interação positiva com elementos dinâmicos do campesinato em formação na fronteira. É nesse espaço aberto pela Igreja que se formou toda uma geração de militantes, não somente religiosos, como também sindicatos e políticos até hoje influentes no campo. Esse espaço eclesial proporcionou aos mais empreendedores dos colonos a possibilidade de integrar e até liderar iniciativas novas e fecundas, desde construções comunitárias de capelas e escolinhas, centros de reunião, hortas e roças comunitárias até ocupações de terras.Proporcionou também a eles um referencial intelectual sociopolítico, para a compreensão dos processos sociais em que eles se sentiam envolvidos, graças também à contribuição de estudantes e de intelectuais, inclusive da Academia; recebiam assim orientações e apoio jurídico de instituições como a Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (SPDDH) e outros (Hébette, 2002, p. 210-211).

Hébette (2002) salienta que além de seus fundamentos teológicos, a Igreja exerce sobre o território camponês uma concepção política, através de uma articulação que tem por objetivo o provimento do bem-estar social dessa classe, diante da opressão que sofrem dentro da sociedade capitalista.

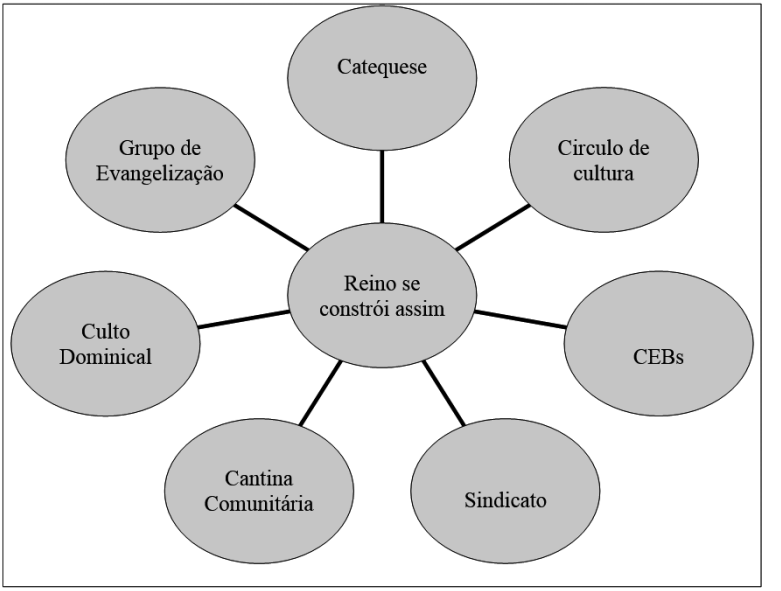
A relação entre a Igreja Católica e os camponeses no nordeste paraense se assemelha a relação descrita por Hébette (2002). A chegada de padres e religiosos no final da década de 1960 deu início à formação das CEBs nas paróquias dos municípios da região. A partir desse momento, orientação religiosa e as ações políticas passaram a caminhar lado a lado.Nesse contexto, a religiosidade impôs sobre o território camponês uma influência de duplo sentido, o sagrado, e o político.

> A Igreja Libertadora entendeu que o contexto socioterritorial é resultado as ação humana na superfície terrestre, é produto das relações sociais modeladoras da

> própria sociedade e da natureza apropriada historicamente. O fator religioso não perde importância com essa interpretação; todo o fundamento teológico baseado na divindade continua delineando o saber religioso, embora o homem, o cristão, não seja mais visto como um ser passivo (uma espécie de não sujeito dos seus atos), mas como um ser ativo, capaz de transformar a realidade na qual vive. Com isso, ocorre uma secularização religiosa do fenômeno religioso, ou seja, uma nova interpretação teológica desmistificadora do cristão predestinado da teologia tradicional, uma contradição frente ao consagrado pensamento religioso (Mitidiero Júnior, 2010, p. 39).

Forja-se neste contexto a "ação territorial" dos grupos de evangelização na comunidade do Cravo, quando os valores aprendidos na teologia da libertação são colocados em práticas no cotidiano dos camponeses. Nos grupos de Evangelização os camponeses começam se organizar socialmente, buscando melhorias para a comunidade através da ajuda mútua e da consciência dos direitos civis.

Diagrama 01 – Segmentos da Igreja Católica no Município de Bujaru.



Fonte: Boletim Somos Irmãos, novembro/dezembro de 1991.

O diagrama 1 mostra as orientações da Igreja Católica (CEBs) em Bujaru, para a "construção do reino". De certa forma os grupos de evangelização,

criados na comunidade na década de 1970, tornaram-se espaços por excelência para a "construção do reino de Deus".

Os grupos surgem no município de Bujaru através de intervenções de D. Ângelo Frosi, bispo da "Prelazia de Abaeté do Tocantins", hoje Diocese de Abaetetuba.[9] "A Prelazia nasceu na época do Vaticano II". No entanto, "as profundas e rápidas mudanças que o Concílio trouxe e que Medellín e Puebla traduziram para a América Latina não foram aceitas por todos" (*Boletim Somos Irmãos*, 1986, p. 10).

Segundo Padre Zezinho,[10] em 1971 aconteceu um encontro de monitores ou coordenadores de comunidades no município de Bragança, na ocasião os Padres Miguel Giambelli e Ângelo assessoraram o encontro que era formado de leigos empenhados. Esta reunião foi o pontapé inicial para a criação dos grupos de evangelização na diocese e em Bujaru.

Além desse encontro em Bragança, padre Zezinho relata que foi realizado em 1972, em Bujaru, o primeiro treinamento de monitores de grupos de evangelização, com a ajuda da irmã religiosa Maria Helena e dos padres Mário, Pacifico e João Messi.

> No primeiro treinamento estavam algumas lideranças como Renato Souza, Isabel Braga, Chequinha, dona Isa Brito, as professoras Inês, Santina, Emília, Isaura, as pessoas que dirigiam as capelas das comunidades rurais: Santana, Cravo, Jutaí, Arapiranga, Santa Maria do Guajará, e a Escola Sagrada Família da cidade, com suas professoras sempre bem preparadas.[11]

Braga (2000) nos esclarece como se desenvolveram os cursos dos coordenadores, apresentando uma forma pedagógica até então desconhecida por grande parte dos participantes. Dramatizações, momentos de lazer (festa) e o estudo da Bíblia faziam parte dos encontros. Isso fez com que os coordenadores recém-formados voltassem para as suas localidades com muita expectativa e entusiasmados para transmitir a comunidade o que aprendeu.

---

9 A Prelazia de Abaeté do Tocantins, atual Diocese de Abaetetuba, "foi criada no ano de 1961, pelo Papa João XXIII, com território desmembrado integralmente da Arquidiocese de Belém e confiada aos cuidados dos Padres Xaverianos. As Paróquias de Abaetetuba, Acará, Barcarena, Bujaru, Moju e Tomé-açu se agruparam para formar a 'Prelazia de Abaeté do Tocantins'" (*Boletim Somos Irmãos*, 1986, p. 10).

10 Padre Zezinho (Giuseppe Leoni) chega a Bujaru no início da década de 1970. Inspirado nas CEBs, é um dos pioneiros na formação dos grupos de evangelização no município, conseguindo aglutinar na Igreja a população urbana e rural.

11 Esta entrevista com o Padre Zezinho foi concedida por correio eletrônico, em abril de 2011.

> Padre Zezinho veio entusiasmado com a experiência encontrada lá sobre as CEBs, fez um convite para algumas pessoas das localidades do Cravo, Arapiranga, Jutaí, Alto Bujaru e cidade.
>
> Com a colaboração dos Padres: Pacífico (Acre), João Massi e Irmã Maria Helena (RJ) que vieram dar um curso nos dias 9 a 17 de setembro de 1972.
>
> Foram dias de muita expectativa, foram partilhadas pelos ministradores experiências de noções bíblicas que até então eram desconhecidas. Com o decorrer dos dias havia muita animação nos trabalhos de grupos, dramatizações e lazer.
>
> A expectativa aumentava cada vez mais. O que ia fazer depois do curso? Aos poucos ia se descascando a casca grossa do coco e descobrindo o sabor da água, do tesouro que até então estava escondido no nosso meio. 'A Bíblia', Palavra de Deus para nós.
>
> Com a chegada das Irmãs Franciscanas de São José: Ir. Ivone, Ir. Zenilda, Ir. Rosa, Pe. Mário Del Rio (um excelente animador de cantos), as voluntárias: Ana e Mercedes, Pe. Mario Pizzotti e outros Padres e Irmãs, a Evangelização começou a se espalhar pelos quatro cantos do município; isso com a colaboração dos leigos (Braga, 2000, p. 13).

A formação dos grupos de evangelização foi uma forma que os padres da Paróquia de Bujaru encontraram para expandir as referências católicas, segundo o documento de Medellín. Verificou-se que os coordenadores dos grupos eram os principais mediadores entre a Igreja (paróquia) e a população local, na medida em que eram eles que presidem as reuniões (o culto dominical, reunião do grupo) na comunidade. Porém se evidencia uma hierarquia na qual o padre ocupa o posto mais alto, seguido dos religiosos (Irmã e missionários) e dos coordenadores dos grupos de evangelização e, por fim, o povo.

Os primeiros coordenadores dos grupos de evangelização no Cravo foram: Raimundo Santana, Maurício Santana e Renato Souza. Foram estes os baluartes desse processo na comunidade.

> Através dos grupos de evangelização até a própria comunidade tem mudado, porque antes de ter os grupos de evangelização a gente trabalhava, mas não entendiam muito bem. Antes não tinha conhecimento. De 72 pra cá é o seguinte: melhorou 100% em relação aos grupos de evangelização, porque sempre existiram umas pessoas, eram assim, mais elevados, assim, a nível de oração, né. Aí foram convidados por um padre lá de Bujaru, pra fazer um curso, foi em Icoaraci. Foram 3, Raimundo Santana, Maurício Santana e Renato Souza, e foram eles 3. E era um curso de oração, 3 dias, quando eles vieram de lá, vieram muito animado, aí o padre da paróquia, pároco daqui, tava também e convidou a gente, nós pra fazer uma espécie de estudo pra nós evangelizar, aí a gente, eu e outros companheiros fomos lá pra Bujaru, passamos lá 8 dias estudando. Aí desse estudo pra cá eu conheci mais, como era a vida do cristão. Uma vida nova, e aí criamos os grupos

> de evangelização, eram 7 grupos de evangelização aqui no Cravo, e hoje são os mesmos 7 (Entrevista concedida por Manoel Sales, morador da Comunidade do Cravo, em janeiro de 2011).

O depoimento de Manoel Sales expõe o início dos grupos e como mudou a vida na comunidade após começarem as reuniões. Outro ponto importante nesta fala é a descrição de como se realizou o estudo para a formação dos coordenadores que iriam dirigir os grupos na comunidade.

> Aqui só tem dois do primeiro, só eu e o Manduquinha, do início. Nós fomos convidados por Maurício e o compadre Renato pra fazer um encontro lá na paróquia com o padre Zezinho. Nós fumo, aquele que aceitou foi. Começamos o treinamento de como monitora a evangelização. Quando chegou aqui nós escolheu aí, a vizinhança mais próxima para formar o grupo, aí a gente deu abertura, e disse como nós ia trabalhar, por causa que nos ia trabalhá, o objetivo e quem quisesse se matriculá, que a gente tava como coordenador. Formamos 6 ou 7 grupos e estes grupos estão até hoje, porque quando algum saiu, mas ficou outro (Entrevista concedida por Estácio Chaves, morador da Comunidade do Cravo, em março de 2011).

Apesar de serem mencionados, na fala anterior, sete grupos, confirmou-se em campo oito grupos, um deles localizado fisicamente fora da comunidade.

> Eu tava, em [19]72, não como coordenador, mas como participante. Depois como coordenador foi por uma faixa de [19]75. Olha começou os grupos de evangelização através do padre Zezinho, mas antes disso, já tinha, a gente fazia aqueles encontro grande, dava mais de 50 pessoas. Depois era muito bom, mas depois da vinda do padre Zezinho fazer os núcleos, no caso os grupos de evangelização, aí foi criado os grupos. No caso o Renato, por exemplo, coordenava o grupo padre Basílio. O padre Pacífico era o compadre Manduquinha que funciona graças a Deus. Eu disse que só fazia curso para coordenador se eu tivesse o meu grupo pra trabalhar, como dirigente do grupo. Aí depois que eu fiz o curso de evangelização, aí nós fizemos um grupo que fica pro lado de Bujaru, aí eu fui pra lá. Eu ia daqui pra lá pra cabeceira daquele igarapé Manduba. Depois que o Brigido Cruz fez curso pra coordenador eu deixei o grupo nas mãos dele lá e voltei. Aí, conclusão, o Renato vai pra Bujaru, aí eu fiquei trabalhando no grupo dele (Entrevista concedida por Djaniro Rodrigues, morador da Comunidade do Cravo, em janeiro de 2011).

A condição para ser coordenador dos grupos é participar da formação de coordenadores ou monitores, como são conhecidos. Djaniro Rodrigues, coordenador do Grupo Sagrada Família, no passado coordenava um grupo na comunidade vizinha, sinalizando uma sociabilidade entre localidades próximas.

> Eu lembro muito bem que houve um encontro grande em Bujaru com essa irmã, que as primeiras pessoas que começaram a trabalhar em Bujaru, justamente na década de [19]70. No ano de [19]72, por essa equipe Maria Helena, Pacífico e João Nesse, Padre Basílio, Mario e Zezinho, foram esses padres que começaram a trabalhar, a conscientização do povo, e trazer pra realidade do povo o próprio evangelho, e dizer, e mostra pro povo que Deus não está lá em cima, mas está junto com seu povo e que o próprio evangelho que a gente não sabia, ele tem que ser, está presente na vida do povo, no dia a dia. Então, por exemplo, no começo, nós, a gente tinha, por exemplo, a comunidade, aquela comunidade que apenas só era pra rezar, fazer as irmandades, com ladainha, com mastros né, já existia uma certa organização, mas era só isso, ninguém tinha o conhecimento da palavra. Foi a partir de [19]72 pra cá, que a gente começou a pegar a bíblia, né, e começou a ver a realidade, né, porque existia a bíblia sagrada, por que existia Jesus Cristo, os apóstolos, porque os profetas, né. Aí houve um estudo muito forte através da bíblia sagrada, foi que a gente começou e enxergar essa realidade que a gente não enxergava, a gente não sabia o que era sociedade, não sabia quem era, quem oprimia quem era o oprimido, não sabia por que uma pessoa passava fome, não sabia completamente. A gente vivia assim, mas só sabia que existia Deus e que a gente vivia, mas não sabia a divisão da classe social, como se dividiu, como é formada a ideologia capitalista e a gente não sabia de nada, só foi começar a descobrir e conhecer um pouco a partir disso aqui, em [19]72, no momento em que as CEBs cresceram muito, o movimento avançou, e o povo começou a enxergar os seus próprios direitos, né, então foi muito bom (Entrevista concedida por Antonina Santana, moradora da Comunidade do Cravo, em março de 2011).

Este depoimento apresenta os rearranjos que a formação dos grupos de evangelização trouxe para a comunidade do Cravo. A religiosidade se torna uma ponte para uma concepção política para esses camponeses e uma nova maneira de ver a realidade circundante. Assim, a função dos grupos de evangelização vai para além do elemento religioso, tendo, ao mesmo tempo, um papel político, ou seja, a orientação religiosa passou a caminhar junto com a política e as questões sociais.

> A todos comunicamos que a nossa comunidade e os grupos de evangelização tem funcionado. O único problema são aqueles de ordem política, principalmente para nós que estamos na oposição sindical e política e por isso tem acontecido discursões sobre política, tanto nos encontros como nos cultos. Tem companheiros que diz que nós não temos capacidade de ser um político. Será isso verdade? Estamos sendo muito criticados pelos trabalho que estamos fazendo de conscientização e organização política e sindical, principalmente.
>
> Nossa comunidade fica muito agradecida pela presença do padre Humberto nos dias 25 e 26 de outubro e ao Renato e Isabel que acompanhou, voltem sempre. E no dia de finados esteve conosco o Padre Amadeu. Nunca é tarde para trabalhar juntos, por isso vamos juntar nossas forças para a luta contra todo opressor e todo

> o tipo de opressão. Ainda não é desta vez que fomos derrotados, aliás, um cristão nunca é derrotado, estamos ainda no início da luta, principalmente política e sindical, e Deus vai continuar do nosso lado e o Evangelho nos vai guiar.
>
> É isso aí, não dá para trabalhar por qualquer causa justa e honesta e na defesa dos oprimidos, sem encontrar perseguição e sofrimento. Vamos sempre para a frente, porque continua valendo a pena (Sales, 1986, p.7).

Nesta passagem de Manoel Sales (1986), é exposto o papel político dos grupos de evangelização, juntamente com a organização sindical. Para ele, o grupo de evangelização era o lugar onde os camponeses esclareciam acerca de seus direitos civis. Soube-se nas entrevistas que antes dos grupos, os moradores se reuniam apenas para rezar e cantar, diferente da leitura que hoje é feita do evangelho.

> Porque a leitura do evangelho de hoje, a gente não pode só ler o evangelho e levar ao pé da letra, do que Jesus fazia naquele tempo. Hoje a gente tem que ler e explicar na realidade que tá acontecendo hoje. Jesus Cristo não era perseguido pelo Herodes? E, hoje, nós não somos perseguidos pela sociedade? Essa sociedade que tá aí não qué ver nós bem. Eu converso aqui com meus filhos de como tá a sociedade. Então, nos grupos de evangelização a gente se reune todas as quintas-feiras, não somos tanta família, nós somos umas 9 famílias. O compadre Ioio, o compadre Dilon, o Bosquinho, o Carlinho, a tia Tomazia, o Antônio, o Adica, seu Américo e Dicozinho, nós somos 10 famílias que participamos, e a gente gosta muito, eu gosto muito de participar, e a gente canta, aí os coordenadores dão os aviso da igreja, de como a gente tem que fazer as coisas, de como tem que fazer. Agora a nossa igreja tá até em construção, a barraca do salão paroquial. Eu gosto muito de participar e a gente se dá muito bem (Entrevista concedida por Maria Albernás, moradora da Comunidade do Cravo, em março de 2011).

Nas reuniões do grupo se discutem as tarefas coletivas a ser realizadas pelos moradores da comunidade. Ao longo do trabalho de campo observou-se que os moradores estavam empenhados na construção da barraca da santa (local onde a comunidade se reúne depois das orações para a conversa entre os vizinhos e compadre, para o bingo e o leilão). Nesse sentido, os grupos se destacam como um meio de reforçar a coletividade local, exercendo forte influência no modo de vida em comunidade.

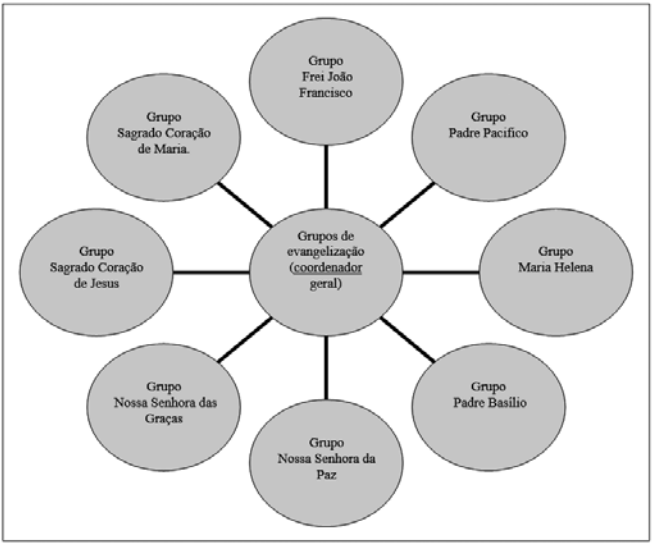
> Até na questão ambiental já é alguma coisa, né. Uma outra coisa que até hoje a gente luta, não só eu, como a comadre Isabel, como a comadre Leopoldina, a gente conseguiu aposentar várias pessoas que, coitadas, às vezes era obrigado dar uma cesta básica, pelo natal ou pela quaresma, semana santa. Hoje esse pessoal não precisa porque a gente lutou pra aposentar eles. Isso aí é uma questão pra mim

positiva. Agora as outras a gente incentiva porque só da mandioca não se vive. Mas hoje a gente vê que tem muito açaí aqui no Cravo, mas ainda não dá, só pro consumo, tem muita gente que tá plantando, isso através do que, do incentivo. Outra coisa, nas questões espirituais a gente tem conseguido muitas coisas, através dos grupos de evangelização, começou pelo Renato Júnior, depois do Renato Júnior veio o Nildo, depois o Arlindo e agora tem os seminaristas e irmãs religiosas que parece que temos umas 5 ou 6 ou 7 por aí. E a gente vê que tem aparecido mais pessoas com boa vontade pra fazer (Entrevista concedida por Djaniro Rodrigues, morador da Comunidade do Cravo, em março de 2011).

Dentre as questões discutidas nos grupos estão: a conquista da aposentadoria, a questão ambiental (cuidado com os igarapés, trato com o lixo e outros), assistência técnica etc."O apoio das Igrejas tem sido importante no desenvolvimento dos camponeses e na valorização do papel por eles assumido na história mais recente do país" (Iokoi, 1996, p.73).

Para Iokoi (1996), a atuação da Igreja junto a camponeses se afirma na atuação das lideranças rurais que representam o interesse do grupo social envolvido. É a partir desse momento que os coordenadores dos grupos de evangelização assumem um papel importante na comunidade do Cravo, os quais, além de influenciarem nas ações religiosas, exercem um papel político na vida comunitária.

Diagrama 02 – Os Grupos de Evangelização



Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

No diagrama 2, visualiza-se a divisão política dos oito grupos de evangelização, que é presidido por um coordenador geral. Este, por sua vez, tem um mandato de dois anos, sendo eleito por pessoas maiores de 16 anos e católicas.

> O coordenador geral é o que cuida de tudo, tá sempre na frente organizando os grupos de evangelização, a questão da Igreja, do arraial, da infraestrutura em si. A pessoa que chamamos de coordenador geral, ele tá pela frente observando essas coisas. É claro que tem outras pessoas que compõem com ele a coordenação, mais ele que sempre está à frente, podemos dizer (Entrevista concedida por Isaias da Conceição, morador da Comunidade do Cravo, em janeiro de 2011).

Sobre a eleição para coordenação da comunidade, Isaias, ex-coordenador geral da comunidade, comenta,

> Nós tivemos uma assembleia agora em 14 e 15 de janeiro. É escolhido os candidatos e vai pra votação, o povo em geral vota, os que querem votar acima de 16 anos votam, e tem que obter 50% mais 1 pra ser eleito. [o candidato] tem que morar na comunidade, ter uma participação, tem que ter uma boa vivência, não pode ser qualquer pessoa (Entrevista concedida por Isaias da Conceição, morador da Comunidade do Cravo, em janeiro de 2011).

O coordenador tem a função de administrar as questões relacionadas à Igreja. Sendo um trabalho voluntário, o coordenador tem que ser uma pessoa benquista na comunidade, de bom relacionamento com todos. Diferente do coordenador geral, os coordenadores dos grupos de evangelização não são eleitos, tendo de certa maneira uma função vitalícia. Muitos desses coordenadores estão na frente dos grupos desde a década de 1970, como é o caso de Manoel Sales, Estácio Chaves, Djaniro Rodrigues, Nadir Rodrigues, Maximiano Albernás e Vitorina Chaves, que coordena um grupo no quilometro 35 da PA 140. Os demais grupos são coordenados por Antonina Santana, que foi vereadora do Partido dos Trabalhadores no município de Concórdia do Pará (2008-2012), Ana Lúcia Conceição, Odilon Belém e Raimunda Albernás. Os coordenadores se reúnem aos domingos, após o culto dominical ou missa, para discutir os assuntos relacionados à comunidade e aos grupos.

Na comunidade existe uma divisão de tarefas que condiciona cada grupo a se responsabilizar por determinada atividade ao longo do mês ou do ano. A cada mês um dos grupos se encarrega da limpeza da igreja, da barraca da santa e da liturgia dos cultos dominicais. Da mesma forma os grupos se revezam com as demais atividades comunitárias.

De modo geral, a liturgia, e em especial os cantos, colocam em destaque a vida do homem e os sofrimentos da população local, como podemos observar na letra abaixo:

Quadro 1: Hino oficial dos 20 anos dos Grupos de Evangelização

A Evangelização
REFRÃO: A evangelização nesta América Latina é a grande esperança deste povo que caminha.

1. Antes em nossa terra brasileira, existia somente índios, rios e muitas matas. Foram eles nossos primeiros habitantes, que viviam comiam e bebiam e defendiam sua raça. E depois com a chegada de Cabral, que invadio as nossas terras que chamamos de Brasil.
2. É desse jeito que chegou o evangelho, com frei Henrique que fez imposição, ele veio a serviço dos portugueses e rezou a missa pra não haver alteração e Cabral muito sábio e contente, usou a mente dos índios como não fossem gente.
3. Os negros pelos donos massacrados trouxeram como bichos para serem explorados, o seu trabalho, seu sangue e suor até de seus filhos e não tiveram a menor dó e suas mulheres escravas e objetos, olha aí o que é mistura em uma raça só.
4. Um grito revoltante pelos ares, o negro e índio que se refugiou, lugar sagrado de muitas resistência, organizaram o quilombo dos palmares.
5. Em 72 que começaram nossos grupos, com Maria Helena, Pacifico e João Messi, Padres Francisco, Mario e Zezinho, foram eles que mostraram a seguir o caminho, porém o povo só cantava e rezava, contavam experiências e também se ajudavam.
6. Em 84 houve o balanço no coreto, com a chegada de uma padre que veio do Paraná. O evangelho era ligado a nossa vida, por isso não tinha medo de denunciar: ele era um padre de coragem e estava a serviço dos mais explorados.
7. Está é a missão de nossa Igreja, é libertar o seu povo da opressão. Com esse trabalho já tem gente conscientizado, lutando contra os opressores e patrões. Está é a caminhada da Igreja, Igreja libertada que quer transformação.
8. O Evangelho vai nos iluminando de passo em passo as CEBs vão se organizando. Este é novo jeito de ser Igreja. O povo já enxerga quem está nos massacrando.

(Antonina Santana)

Fonte: *Boletim Somos Irmãos*, 1991.

Esta letra é o símbolo dos grupos de evangelização. Nela é colocado o passado, presente e futuro para a América Latina. O passado como um tempo da opressão, da exploração dos menos favorecidos; o presente como um momento de transformação e o futuro um tempo sem males. Nos versos estão presentes a herança colonial e a escravidão, a opressão dos indígenas e a resistência dos séculos de escravidão. O que chama a atenção é o refrão que sinaliza para uma

transformação não apenas para a comunidade, mas para toda a América Latina, retratando de forma implícita a opressão das ditaduras, das multinacionais, a expansão capitalista no campo e colocando a evangelização como um caminho para abertura de espaços democráticos.

Para além da comunidade do Cravo, os cantos religiosos com versos que retratam a sociedade como ela é aparecem nas mais variadas manifestações político-sociais do país, encadeadas a partir dos movimentos sociais. Na Amazônia, são muitos os movimentos camponeses ligados a seguimentos da Igreja Católica. Em Bujaru e Concórdia do Pará isto é visto através da CPT, que tem atuado na luta pela demarcação das Terras Remanescentes de Quilombos como um meio de confirmarem a posse da terra.[12]

> A igreja na Amazônia nos anos 60 da opção preferencial pelos pobres e da pastoral social. Sendo assim, a violenta expansão do capitalismo na Amazônia encontra pela frente uma igreja comprometida com a dignidade do homem, e combatida na luta pela conquista dos direitos humanos (Macedo, 2006, p. 75).

Macedo (2006) nos revela a atuação da Igreja Católica frente à expansão de agentes capitalistas na Amazônia. E é nesse sentido que ocorre a atuação dos grupos de evangelização no Cravo. Como um seguimento das CEBs em Bujaru, os grupos, nas reuniões semanais, entoam cantos religiosos que refletem a realidade social, combatendo uma ideologia capitalista na comunidade.

Sobre a importância dos grupos para a comunidade do Cravo, atualmente, Djaniro Rodrigues destaca que

> As comunidades que têm os grupos de evangelização elas são mais evoluídas do que aquelas que não têm os grupos de evangelização. As comunidades de Concórdia eles fazem algum encontro, isso é marcado assim em 3 e 3 meses, mas eles não fazem o encontro semanal, não fazem. Existe uma discussão a respeito dos trabalhos da comunidade, como agora a gente tem o trabalho na comunidade, cada pai de família ficou incumbido, empenhado de arranjar a coleta do cimento pra comunidade, então a gente tá fazendo isso. E cada atividade que for levantada, a comunidade se esforça muito (Entrevista concedida por Djaniro Rodrigues, morador da Comunidade do Cravo, em março de 2011).

---

12 Ver Costa (2008): "Como uma comunidade": formas associativas em Santo Antônio/PA – imbricações entre parentesco, gênero e identidade; Sousa (2010): Agricultura camponesa na comunidade de São Judas no Nordeste Paraense; Santana (2011): Os caminhos da regularização fundiária no município de Concórdia do Pará/PA; Malcher (2011): Territorialidade quilombola no Pará: um estudo da comunidade São Judas, município de Bujaru e da comunidade do Cravo, município de Concórdia do Pará.

Nesta fala evidencia-se que, em torno dos grupos de evangelização, existe todo um trabalho coletivo que mantém aceso o sentido de comunidade para o entrevistado. Isso fica claro nos projetos em comum existentes na comunidade, aos quais todos são convocados a participar, o que sinaliza, de certa maneira, o bem da comunidade. Ainda sobre a importância dos grupos, Isaias da Conceição nos conta que

> É a raiz da comunidade, eu posso dizer sem os grupos a comunidade já teria falido. Até porque como a vila é grande, só lá na vila é muito disperso as famílias, e os grupos não, são os vizinhos né, são 8 grupos, nessa vila aqui tem um grupo, então são pessoas próximas da mesma família, então é mais fácil reunir essas pessoas. Aqui no nosso grupo eu posso dizer que é boa, é muito tranquilo. Aqui atrás (mora) minha avó, minha tia, tudo família, só família, essa vila aqui tudo é família (Tucumã Caboclo) (Entrevista concedida por Isaias da Conceição, morador da Comunidade do Cravo, em janeiro de 2011).

Esse depoimento demonstra que os grupos de evangelização têm também o objetivo de aglutinar as famílias em grupos menores na comunidade, geralmente parentes e vizinhos.

Ainda na entrevista anterior fica evidente que a formação familiar é extensa na comunidade do Cravo, na medida em que se forma um núcleo familiar, com pais, filhos, irmãos, netos e primos morando no mesmo lote de terra de um ancestral comum.

Os encontros dos grupos de evangelização são orientados por um roteiro distribuído pela paróquia de Bujaru. A cada semana há um tema a ser discutido, quase sempre atrelando aspectos políticos e sociais ao religioso. É a partir de textos como esse que se refletem as questões da vida cotidiana.

Sobre a organização dos coordenadores e dos grupos, Nadir Rodrigues relata que

> É um momento que a gente discute também alguma coisa, né. E também os grupos de evangelização aguentam a comunidade, porque tudo que a comunidade precisa ou organiza o grupo de evangelização tá junto, né. Quando tem as novenas, as festas do padroeiro, né. Então os grupos de evangelização são muito importantes. Na reunião dos coordenadores a gente discute o trabalho na comunidade, né. Logo no começo que a gente fazia a leitura que a gente meditava durante a semana. Agora a gente discute só o trabalho na comunidade, aí em casa a gente faz a leitura, estuda a leitura primeiro pra depois levar pra comunidade (Entrevista concedida por Nadir Rodrigues, morador da Comunidade do Cravo, em janeiro de 2011).

Nesse depoimento, percebe-se que há um estudo da bíblia permanentemente sendo realizado pelos coordenadores. As atividades dos grupos se estendem para os demais grupos (mutirão na roça de um necessitado, doação de trabalho comunitário, doação de alimentos para os necessitados e outros), enfim, o grupo de evangelização se espacializa na comunidade. Além disso, os grupos fazem bingos e leilões para angariar fundos para as despesas da capela, salão paroquial, viagem dos coordenadores e do padre, dízimos e outros.

Na década de 1990, a comunidade do Cravo passa por algumas mudanças que vão interferir na rotina dos grupos de evangelização. A instalação da energia elétrica e a consequente aquisição de aparelhos eletrodomésticos, em especial a televisão, passaram a concorrer com as atividades da comunidade antes centradas apenas nos momentos de lazer e sociabilidade, tais como os grupos de evangelização, o culto dominical, as missas e as festas.

A televisão é apontada pelos coordenadores como um dos principais responsáveis pela diminuição do número de pessoas nas reuniões. Outro responsável pela pequena frequência são as festas de aparelhagem e nos balneários, que tem levado muitos jovens a se afastarem dos eventos religiosos.

> As drogas é caso sério, caso seríssimo. O interesse pela pastoral da juventude é uma minoria. Até porque existe outros meios que dispersam os jovens, por exemplo, aqui no Cravo, todo final de semana tem festa, balneários, então é uma briga constante, né. E o jovem opta pelos balneários. Geralmente, os encontros são feitos nos finais de semana, e tendo um encontro aqui e uma festa pra lá, a festa leva mais gente (...). Antes não tinha outra opção e com a chegada dessas novas opções eles preferem, né. Os jovens na verdade, eles preferem as festas, é o que tem acontecido no momento. A maioria optando pelas festas (Entrevista concedida por Isaías da Conceição, morador da comunidade do Cravo, em janeiro de 2011).

O depoimento de Isaías da Conceição expõe alguns problemas enfrentados na comunidade, como as drogas (licitas e ilícitas) e as festas de balneários e aparelhagens.[13] As festas (aparelhagens) de fins de semana seriam, de acordo com os entrevistados, os maiores concorrentes das celebrações litúrgicas. No passado, festas dessa natureza em épocas de quaresma, semana santa, natal e festividades de santos não aconteciam, guardando um respeito por esses dias considerados sagrados. Na atualidade, isso não ocorre mais, ocorrendo festas em qualquer época do ano, apesar das críticas dos idosos da comunidade.

[13] Ver Costa e Macedo (2010).

Outro ponto importante a mencionar é o surgimento dos evangélicos na comunidade, o que tem ocasionado certo "conflito" entre os moradores. No entanto, observou-se que o número de protestantes é pequeno e que a atuação deles apresenta pouca ou nenhuma interferência na organização religiosa local.

Por outro lado, apesar de alguns entrevistados falarem da ausência dos jovens nos rituais religiosos, verificou-se uma participação maciça dessa parte da população nos cultos dominicais, nas missas, romarias, enfim, nas atividades da comunidade. Notou-se, também, que a coordenação tanto da comunidade quanto das liturgias é feita pelos mais jovens, porém, as decisões mais importantes ainda estão com os idosos. Geralmente, esses coordenadores jovens são filhos, netos, genros, parentes distantes ou vizinhos dos coordenadores mais velhos.

Desse modo, entre o passado e o presente ocorreram mudanças na territorialidade dos grupos de evangelização sem que estes, contudo, tivessem sua existência fragilizada. Observa-se que a ação territorial dos grupos resiste através de uma relação muito forte entre vizinhos e parentes, que é tecida no cotidiano na vida em comunidade. A dimensão territorial dos grupos de evangelização na comunidade do Cravo tem se dado numa relação espaço--tempo, na medida em que as ações dos camponeses são refletidas no estar em comunidade, do ter em comum a mesma experiência, o mesmo trabalho na lavoura, utilizando o mesmo igarapé, o mesmo hábito alimentar, o mesmo modo de vida.

> Antes de tudo, uma convivialidade, uma espécie de relação social, política e simbólica que liga o homem à sua terra e, simultaneamente, estabelece sua identidade cultural. Nestas condições, compreende-se de que maneira o significado político do território traduz um modo de recorte e de controle do espaço, garantindo sua especificidade e se serve como instrumento ou argumento para a permanência e a reprodução dos grupos humanos que o ocupam (Almeida, 2008, p. 58-86).

O território camponês da comunidade do Cravo e os grupos de evangelização se revelam como elementos que estabelecem relações materializadas no cotidiano, garantindo a reprodução social e cultural desses sujeitos através de ações traduzidas no ritual religioso-político-social.

O território no contexto dos grupos de evangelização é pensado a partir do ideário de comunidade, que por meio da coletividade e do sentido de vida em comum constrói a imagem de um território comunitário."O território resulta de uma apropriação econômica, ideologia e sociológica do espaço por grupos

que nele imprimem sua cultura e sua história. O território é esse espaço social e vivido" (Almeida, 2010, p.5).

Dessa forma, entende-se que a construção do território camponês não decorre apenas de ações concretas, como as relações de trabalho por meio da terra e da família, mas também de intervenções realizadas através de outros elementos que compõem a territorialidade camponesa.

> A violência da expansão capitalista na Amazônia encontra pela frente uma Igreja vigilante e atenta aos direitos humanos, comprometida com os direitos dos pobres e oprimidos, voz dos que não têm voz. Uma Igreja comprometida com a dignidade do homem e consciente de que a libertação dos pobres passa pelo rompimento das cadeias que escravizam não só o seu trabalho, mas também a sua consciência (Martins, 1989, p. 87).

Partindo dessa perspectiva de Martins (1989), entende-se os grupos de evangelização como uma forma da Igreja local conscientizar as massas oprimidas de Bujaru sobre a realidade brasileira, elucidando, por exemplo: O que é dívida externa? O que é sindicato? O que é reforma agrária? Informando a realidade e formando pessoas para viverem essas realidades conscientes de seus atos.

Na comunidade do Cravo e em muitas outras, os grupos de evangelização serão refletidos na consciência política e no esclarecimento dos direitos civis. É quando os agricultores começam ter acesso à aposentadoria, as escolas rurais são construídas, a população rural se aglutina no sindicato, buscam melhorias para a comunidade, participam de passeatas e se fortalecem enquanto camponeses, confirmando na terra a sua participação na sociedade capitalista global.

Considerações finais

Em meio às transformações impostas pelo processo de globalização, existem territorialidades que se ressignificam cravando no tempo e no espaço a sua essência. É a partir dessa perspectiva que compreendemos os grupos de evangelização na comunidade do Cravo, os quais têm sido fator importante na territorialização camponesa local.

A comunidade, desde a sua formação territorial, teve em sua base uma religiosidade intensa. Contudo, a pesquisa nos aponta não apenas uma religiosidade idílica, de veneração, mas um pensamento religioso ativo, voltado para práticas sociais que são refletidas nos mutirões, nas festas, nos encontros, na

ajuda solidária, na reciprocidade e sociabilidade entre vizinhos e parentes, na palavra política e, principalmente, no ideal de viver em comunidade.

As nuances experimentadas na Igreja pós-Concílio II e as Conferências de Medellín e Puebla foram refletidas na comunidade do Cravo através das CEBs e na formação dos grupos de evangelização. Por meio dos grupos foi visto que as ideias teológicas proferidas pelo documento final de Medellín chegaram às comunidades rurais por meio dos leigos instruídos, que chegaram onde os religiosos não alcançavam.

O pensamento teológico político e social era anunciado nas canções que entoavam cantos interrogativos sobre o sistema vigente. "A evangelização na América Latina é a grande esperança do povo que caminha", marca uma trajetória de vida marcada pela esperança da liberdade de um povo preso em ideais colonialistas.

As discussões nos grupos de evangelização refletiam a realidade do cotidiano, do trabalho. Muitos começaram a ler e escrever lendo a Bíblia, e assim foi-se tecendo o sentido político e social dos grupos na comunidade, esclarecendo os camponeses dos seus direitos à cidadania.

Referências

ALMEIDA, M. G. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. *In:* ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F. & BRAGA, H. C. (Org.). *Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida.* Goiânia: Editora Vieira, 2008.

_____. Festas rurais e turismo em territórios emergentes. *Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales,* Universidade de Barcelona, v. XV, n. 918, 2010.

BOLETIM SOMOS IRMÃOS, n. 109. Bujaru: Paróquia de São Joaquim de Bujaru-Pará, 1986.

_____, n. 139. Bujaru: Paróquia de São Joaquim de Bujaru-Pará, 1991.

BRAGA, I. História dos grupos de evangelização. *Boletim Somos Irmãos*, n. 181. Bujaru: Paróquia de São Joaquim de Bujaru-Pará, 2000, p. 13.

CLAVAL, P. Política, espaço e cultura: as ligações entre poder e religião. *Revista Confins*, v.12, 2011, consultado em: 26 jan. 2012.

COSTA, A. M. D. & MACEDO, C. O. "Festa de antigamente é que era festa": memória, espaço e cultura numa comunidade camponesa do nordeste paraense. *Revista Estudos Amazônicos,* v.V, n.2, 2010, p. 105-124.

COSTA, R. C. P. *"Como uma comunidade": formas associativas em Santo Antônio/PA – imbricações entre parentesco, gênero e identidade.* (Dissertação de Mestrado). Belém: PPGCS/Ufpa, 2008.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialidade: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HÉBETTE, J. Reprodução social e participação política na fronteira agrícola paraense: o caso da Transamazônica. *In:* HÉBETTE, J.; MAGALHÃES, S. B. & MANESCHY, M. C. (Org.). *No mar, nos rios e na fronteira: faces do campesinato no Pará.* Belém: Ed. da Ufpa, 2002, p.205-231.

IOKOI, Z. M. G. *Igreja e camponeses: Teologia da libertação e movimentos sociais no campo Brasil e Peru, 1964-1986.* São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

MACEDO, C. C. A. *Tempo de gênesis: o povo das Comunidades Eclesiais de Base.* São Paulo: Brasiliense, 1986.

MACEDO, C. O. *Diferenciação socioeconômica e campesinato: O caso dos assentamentos Cristo Rei, Ubá e Rio Branco no sudeste do Pará.* (Tese de Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 2006.

MARTINS, J. S. *Caminhada no chão da noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais no campo.* São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

MITIDIERO Jr., M. A. *A ação territorial de uma igreja radical: teologia da libertação, luta pela terra e a atuação da Comissão Pastoral da Terra no Estado da Paraíba.* 1ª ed. Curitiba: Editora CRV, 2010.

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder.* Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

ROSENDAHL, Z. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. *In:* SANTOS, M. *et al. Território, Territórios: ensaio sobre o ordenamento territorial.* 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SALES, M. Oposição Sindical. *Boletim Somos Irmãos*, n. 109. Bujaru: Paróquia de São Joaquim de Bujaru-Pará, 1986, p. 7.